

Oswaldo Aranha

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Depoimento em homenagem a Oswaldo Aranha,
Boletim Comemorativo, Agosto de 1994

Oswaldo Aranha foi um dos heróis da minha juventude. Nos anos 40, quando era um menino, aprendi com meu pai a admirar Getúlio Vargas; no anos 50, meus companheiros de Ação Católica e da Faculdade de Direito preferiam criticá-lo, muitas vezes injustamente. Mas não tinham como criticar Oswaldo Aranha, que parecia estar acima do bem e do mal. Alto, cabelos brancos, a visão do grande homem público, representou sempre o lado estadista de Vargas.

Minha primeira lembrança de Oswaldo Aranha está associada com o Ministério da Fazenda e a Instrução 70 da SUMOC. Através dessa medida imaginosa, que criava uma taxa múltipla de câmbio e um sistema de leilões, ele foi capaz, sem violentar o mercado, de promover a necessária desvalorização do cruzeiro e ao mesmo tempo manter um processo ativo de transferência e renda do setor exportador de café, cujo preço ainda estava muito alto, para a indústria. Desta forma deu um passo decisivo para a consolidação da indústria nacional. Depois, já no governo Kubitschek, ele volta às Nações Unidas, onde tivera um papel decisivo uma década atrás, participando da criação do Estado de Israel.

Só mais tarde, estudando a história econômica do Brasil, vim de sua primeira gestão no Ministério da Fazenda, entre 1931 e 1934, quando consolidou a dívida externa brasileira. E da sua constante atuação a nível internacional, afirmando o interesse nacional do Brasil e ao mesmo tempo aproximando nosso país dos Estados Unidos.

Hoje, no momento em que comemoramos o centenário do nascimento de Oswaldo Aranha, vale a pena refletir sobre a atualidade desse notável estadista gaúcho. Teve sempre um claro para si o conceito do interesse nacional, mas nunca foi um nacionalista xenófobo. Defendeu os interesses do Brasil, que sabia muitas vezes conflitarem com os dos Estados Unidos, mas teve

sempre presente que os interesses comuns entre os dois países eram mais importantes e deviam ser desenvolvidos. Como Vargas, sabia que o grande projeto econômico do Brasil de então era o de industrializar o país, apoiando-se, para isto, no Estado, mas foi sempre um homem que defendeu a iniciativa privada e o papel coordenador do mercado. Participando de um governo que politicamente era nacional-desenvolvimentista - baseado em grande pacto político informal, orientado para a industrialização, entre empresários, trabalhadores urbanos, a burocracia estatal e os setores substituidores de importação da oligarquia proprietária de terras -, soube sempre conduzir políticas econômicas ao mesmo tempo austeras e imaginosas, recusados-se a simplesmente repetir o receituário ortodoxo vindo dos países centrais.

Enfim, entre os anos 30 e os anos 50, em um momento em que Brasil realizava sua primeira Revolução Industrial e construía sua identidade nacional, precisando para isto de líderes com a capacidade de pensar o país com grandeza, coragem, independência e imaginação, Oswaldo Aranha, desempenhou esse papel melhor do que ninguém. Ele não foi apenas um dos heróis da minha juventude. Continua sendo hoje um dos heróis do Brasil.